

**MULHER, DISCURSO E CINEMA:
SENTIDOS EM MOVIMENTO EM “O SORRISO DE MONA LISA”**

**WOMAN, DISCOURSE AND CINEMA:
SENSES IN MOTION IN “MONA LISA SMILE”**

Larissa Oliveira Borges

Graduanda em Letras – Português/Inglês e Suas Respectivas Literaturas pela
Universidade Estadual de Goiás, UEG

Larissaborges368@gmail.com

Fernanda Surubi Fernandes

Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT
Docente do Curso de Letras da UEG, UNU Iporá

fernanda.fernandes@ueg.br

Resumo: Este artigo visa compreender a constituição da condição feminina no filme “O Sorriso de Mona Lisa”, para isso nos baseamos na Análise de Discurso, com autores como Foucault (1999) e Eni P. Orlandi (2007), como procedimento teórico e metodológico e analisando o filme de Mike Newell. Após a realização das análises, percebemos e pontuamos dois aspectos: as questões referentes à constituição da imagem feminina em obras cinematográficas, que retratam a dependência da visão masculina e patriarcal, e a submissão nas personagens das alunas, e a visão da professora Katherine, que foge ao tradicionalismo imposto pela sociedade e retrata os espaços e as mudanças conquistadas pelas mulheres.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Imagem Feminina, Cinema.

This article aims to understand the constitution of the female condition in the film “Mona Lisa Smile”, for this we are based on Discourse Analysis, with authors such as Foucault (1999) and Eni P. Orlandi (2007), as a theoretical and methodological procedure and analyzing Mike Newell's film. After carrying out the analyzes, we noticed and pointed out two aspects: the questions regarding the constitution of the female image in cinematographic works which portray the dependence on the male and patriarchal vision. And the submission in the characters of the students, and the vision of teacher Katherine, who escapes the traditionalism imposed by society and portrays the spaces and changes conquered by women.

Keywords: Discourse Analysis, Female Image, Cinema.

Introdução

Building the way

Movimento em grego, o cinema é uma das artes atuais mais populares no mundo, e pode ser produzido sobre inúmeros assuntos, atraindo as mais variadas idades, e sendo capaz de produzir nos telespectadores, uma infinidade de sentimentos e sensações.

A partir disso, no filme “O Sorriso de Mona Lisa”, percebemos a constituição feminina nas obras cinematográficas, e os discursos existentes nas linhas e entrelinhas de uma arte pensada para produzir efeitos diversos. Para a realização dessa análise, utilizamos o filme de Mike Newell “O Sorriso de Mona Lisa” produzido em 2003.

Assim, este estudo tem como objetivo compreender as noções de gênero, violência e discurso com base na teoria da Análise de Discurso, analisando o filme “O sorriso de Mona Lisa” de Mike Newell (2003), na relação com a história e a ideologia.

Ao iniciar nossos estudos na teoria discursiva, compreendemos que seu surgimento se deu pela observação e análise dos discursos políticos, relacionando política e ciência, por volta de 1960 com Michel Pêcheux. Nessa direção, Orlandi (2007, p. 15) expõe que “[...] o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.”

Compreende-se o estudo da linguagem como uma prática, o sentido é constituído através de um processo histórico e ideológico marcados, na língua, o modo como o sujeito se constitui nessa relação com o outro.

De acordo com Foucault (1999, p. 70) “[...] a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação”. Nessa relação que os sentidos são sempre produzidos a partir de condições de produção específicas, determinados por relações de poder. São essas condições que envolvem a análise de materiais que colocam em funcionamento sentidos sobre a condição feminina, sentidos sobre a mulher.

Em relação a questão feminina, Silva (2018, p. 217) afirma que “[...] quando pensamos no campo cultural e na história que circunscreve e perpassa os sujeitos, observamos que há uma série de ditames sobre o que é ser mulher.”

A série *Justiça*, analisada por Silva (2018), retrata esses ditames do que é ser mulher, salientando sobre o sujeito-mulher que deve possuir e se dedicar ao matrimônio e aos filhos. Tais pensamentos que eram muito presentes na década de 50, começaram a se findar, mas ainda se fazem presentes nos dias atuais, sendo

Building the way

ressignificadas, pois se compreende que “[...] o discurso é linguagem em movimento” (ORLANDI, 2007, p.15), em que novos sentidos são produzidos, mas partir de um já-dito, já constituído.

Kaplan (1995), ao discutir sobre a mulher o cinema, explicita que:

[...] os anos 50 representam nitidamente o fim de alguma coisa: os filmes são interessantes porque mostram antigos códigos se desmoronando, prontos para ruir mas ainda se aguentando – nos anos 50 o medo da sexualidade parecia reprimido e que os filmes faziam de conta que, de certo modo, a sexualidade feminina não chegava a ser sentida em todo o seu real teor explosivo.” (KAPLAN, 1995, p. 19 -20)

Desse modo, esta pesquisa espera ampliar as reflexões sobre as noções de gênero, violência e discurso e a constituição feminina no filme “O sorriso de Mona Lisa”, para isso, realizamos a pesquisa bibliográfica sobre o tema abordado, tomamos os conceitos teóricos da Análise de Discurso para realizar a análise do filme, para assim, compreender o funcionamento das posições sujeitos presentes na materialidade fílmica, produzindo outros/novos sentidos.

1 Mulher, discurso e cinema: sentidos em movimento

Desde os primórdios as mulheres foram reprimidas e descriminalizadas no ambiente cinematográfico e eram retratadas nos filmes de acordo com o desejo masculino. Kaplan (1995) apresenta sua visão sobre a representação feminina da mulher no cinema.

Para a autora, a mulher é retratada de acordo com o patriarcado e a visão masculina sob as mesmas, que as tornam masculinizadas, tornando a sexualidade forma de prazer, apenas para os sujeitos masculinos, produzindo como efeitos o domínio e a submissão feminina. A autora expõe que o patriarcado e o olhar masculino são capazes de dominar e reprimir a mulher pelo seu poder controlador nos discursos e nos desejos femininos.

Para Baecque (2011, p. 489) “Desde suas origens, o cinema acolhe esse ícone sensual e cerca com um escrínio incandescente essa mulher que oscila entre a inocência e o escândalo.” Ou seja, percebemos o quanto comum e antigo é a visão sexista sob a mulher em obras cinematográfica e que tornam a mulher passível às

Building the way

vontades masculinas, numa dualidade constitutiva, entre pureza e pecado, entre a santa e a puta.

Para Milanez (2011), o discurso não é preso a uma determinada rede discursiva, ele se constitui a partir de textos religiosos, jurídicos, literários e científicos. Nessa direção, compreende-se que “[...] um discurso está atrelado a outros discursos antes dele e cria outros discursos novos a partir do embate de novos textos com textos já recitados.” (MILANEZ, 2011, p. 9).

Dessa forma, para a análise do filme de Newell, é necessário compreender as condições de produção que este representa, considerando esses aspectos para nosso olhar enquanto analista, pois a análise do discurso deve ser feita não pela linguística ou pela análise de conteúdo, pois, deve-se considerar “[...] os processos de constituições (dos sujeitos e dos sentidos).” (ORLANDI, 2007, p. 91). Sobre os sentidos, o autor afirma que o discurso é efeito de sentido entre locutores, se constitui na relação com o outro, em condições de produção específicas que vão determinar o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 2009).

Para a análise de discurso: “Um sujeito não produz só um discurso; um discurso não é igual a um texto”. (ORLANDI, 2007, p. 71). A autora também expõe que “[...] um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso.” (ORLANDI, 2007, p. 72). Podemos compreender assim o texto como uma peça do processo discursivo, assim sendo a relação texto e discurso para Análise de Discurso ocorre como um processo que envolve as condições de produção (imediate, histórica e ideológica) e os sujeitos na relação com o outro, e a sociedade.

Para Orlandi o analista não deve ter como objeto de estudo o texto e sim o discurso, o qual ele deve se ater e “[...] o que temos como produto de análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições.” (ORLANDI, 2007, p. 72).

De acordo com a Análise de Discurso “[...] a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus sentidos são múltiplos e variados.” (ORLANDI, 2007, p. 21), dizemos assim então que a Análise de Discurso se constitui numa relação entre língua e exterioridade.

Building the way

Nessa relação, ao falar sobre a condição do sujeito-mulher na história do cinema, Kaplan (1995), informa que a partir da década de 70 foi grande a quantidade de filmes produzidos por mulheres.

A autora faz uma divisão em duas partes no modo como as mulheres são apresentadas no cinema. A primeira, trata sobre a imagem da mulher nos filmes, como a mulher que tem a voz ativa negada e é sujeita ao desejo masculino, vivem frustradas se aceitam as condições impostas, e caso resistam sacrificam a vida por tamanha ousadia; na segunda parte a autora trata sobre os filmes independentes que foram produzidos por mulheres com a intenção de conquistarem espaço para terem voz. Essas mudanças retratadas no livro, revelam as transformações no âmbito cinematográficos que aconteceram no decorrer dos anos.

Assim, para analisar o filme devemos compreender, a partir de Nilton Milanez (2011), Orlandi (1995), Lagazzi (2009), que a materialidade se estende aos domínios do não-verbal por meio das imagens fixas (publicidades, fotografias, pinturas, histórias em quadrinhos e até o desenho de uma criança ...) e das imagens em movimento (cinema, televisão, vídeos, produções de imagens nos celulares ...). “A materialidade, então, não é homogênea como também não são seus suportes” (MILANEZ, 2011, p. 10).

Para Milanez (2011) a câmera é a extensão do corpo, e compreendemos assim que somos condicionados a ver aquilo que alguém quer que vejamos. “Atrás da câmera há o olho que controla o que podemos ver, e a maneira como podemos ver.” (MILANEZ, 2011, p.10). Estamos assim limitados a ver “cenas” pré-determinadas, por aqueles que produzem as obras fílmicas, dando enfoque, na maioria das vezes, a visão masculina e ao patriarcado.

De acordo com Orlandi (1995), há diferentes modos de significar, pelo som, pela pintura, pelas cores etc. e, nos filmes, essa relação ocorre numa “imbricação material”, conforme Lagazzi (2009) nos apresenta, portanto, é a partir desse modo de olhar que buscamos analisar como o sujeito-mulher é significado no filme “O sorriso de Mona Lisa”.

2 “O sorriso de Mona Lisa”: sentidos em movimento

Em “O sorriso de Mona Lisa”, sentidos sobre a visão masculina e o patriarcado podem ser observados pelo incentivo ao casamento e a mulher do lar,

Building the way

submissa ao marido, que deve fazer vista grossa com as traições e erros do mesmo, para manter seu casamento. Por outro lado, o filme também possui um ponto de vista que se opõe a visão masculina e o patriarcado, e apresenta uma visão feminina a partir da personagem Katherine, professora de História da Arte, que incentiva as meninas a estudarem e trabalharem, e não apenas dedicar suas vidas aos maridos, filhos e tarefas domésticas.

No filme “O sorriso de Mona Lisa” o discurso das alunas sobre o casamento provém da constituição de sujeito das mesmas e está atrelado a outros discursos, como o discurso estabelecido pela sociedade e pela família e que ainda perdura nos dias atuais, em que as mulheres devem ser esposas, mães e donas de casa, pois reverberam em problemáticas como a polêmica do aborto, o feminicídio, questões de classe e raça, etc.

Nessa direção, analisamos o filme com a seleção de algumas cenas. A seleção das cenas ocorre a partir da noção de recorte proposto por Orlandi (1984), para a autora: “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim um recorte é um fragmento da situação discursiva.” (ORLANDI, 1984, p. 14).

O foco da pesquisa é a condição feminina, assim a seleção ocorre através da recorrência, repetição das imagens e da oralidade, focando em algumas cenas tomando-as como “unidades discursivas” para análise do filme.

O filme “O Sorriso de Mona Lisa” é uma obra de drama e romance que foi lançada em dezembro de 2003 com direção de Mike Newell, e tem como personagem principal Katherine Watson, uma jovem professora de história da arte que começa a lecionar em Wellesley College, considerada a escola mais conservadora dos Estados Unidos. Katherine ao chegar à escola se depara com uma escola tradicionalista formada essencialmente por mulheres, que visa a preparação das alunas para o matrimônio e para se tornarem mães, e que contradiz totalmente a educação liberal de Katherine.

Katherine apresenta outras formas de ver a realidade a partir da arte, mostrando-se contra o casamento da forma como é incentivado, e, por isso, sofre repressão da direção da escola e das próprias alunas que não concordam com os pensamentos de Katherine que fogem ao conservadorismo de Wellesley College e da época.

Building the way

O filme mostra o conservadorismo e a vida das mulheres nos anos 50 que eram destinadas ao casamento, como se a vida e a felicidade estivessem condicionadas a conquista do casamento e de um lar, e também retrata o poder da escolha, na perspectiva da professora de história da arte (Katherine).

As cenas abaixo foram retiradas do filme “O sorriso de Mona Lisa” e nelas são evidenciadas as formas de ensino do Wellesley College e os pensamentos da década de 1950, as quais são retratadas no filme. Essas cenas são um pequeno recorte de um filme que evidencia uma época em que as jovens eram incentivadas ao matrimônio e a se dedicarem exclusivamente aos maridos e os filhos.

No filme, o Wellesley College é estritamente constituído por mulheres, além de ensinar as matérias comuns, ensinava a se comportar como esposa, dona de casa e mãe e quais eram suas funções, as quais deviam sempre exercer e nunca descumprirem dos seus “deveres”. Durante o filme o papel feminino é limitado ao casamento, marido e aos filhos que representa e personifica os discursos da época, e ainda presentes atualmente reforçando os discursos da sociedade perante os deveres femininos.

Figura 1: Nancy Abbey, professora de Etiqueta.



Fonte: Imagem retirada do filme
“O sorriso de Mona Lisa” (NEWELL, 2003. Tempo: 29m.16s)

Na Figura 1, observamos a expressão da professora de etiqueta, austera, rígida, firme e inflexível, enfatizando sobre as funções da mulher, de ser esposa, dona de casa e mãe. A educadora, está de cabelo preso e minuciosamente penteado, óculos pequenos e discretos, usando um batom vermelho em um tom fechado, blusa marrom de gola redonda, e pequenos acessórios, um colar de pérolas e brincos. Muito discreta, arrumada e segura, possui uma postura dura e um olhar muito severo com as alunas.

Building the way

No recorte feito, a professora está em evidência na imagem, enquanto as alunas estão desfocadas ao fundo, a cena ocorre durante a aula de etiqueta, em que a professora expõe a hipotética situação de um jantar com o chefe.

A situação é a seguinte: os maridos estão concorrendo a uma promoção no trabalho, e o jantar com o chefe seria para ganhar maiores benefícios na disputa, porém o chefe decide convidar também para o jantar os demais candidatos a promoção. A professora questiona as alunas o que elas fariam nessa situação que fugiu dos planos delas, e uma aluna ironicamente responde que nessa situação pediria o divórcio. Assim, dando uma bronca nas meninas, especialmente na aluna que faz o comentário, a professora enfatiza a função das meninas: “Dentro de alguns anos sua única responsabilidade será cuidar do seu marido e de seus filhos” (NEWELL, 2003).

Nessa relação, tanto a imagem quanto a formulação da personagem remetem a condição feminina da dona do lar, submissa ao marido e as funções que foram preparadas para exercer, sendo esposa, mãe e mulher do lar.

Para Milanez (2011) a câmera, o corpo, e história são produções que estão diretamente associadas as cenas que vemos na produção fílmica. Assim, podemos relacionar os enquadramentos no filme focam na face e nas expressões faciais, e as vestimentas que as mesmas usavam ao conservadorismo e tradicionalismo da época e do Wellesley College, que incentivam as jovens ao casamento, aos filhos e ao ambiente estritamente doméstico.

A partir dessas definições, compreendemos que os discursos conservadores e tradicionalistas que incentivam as mulheres ao matrimônio, aos filhos e ao ambiente doméstico apresentados no filme se constituem num processo histórico em que os sentidos de submissão feminina são ressignificados na representação da imagem fílmica, numa relação entre a linguagem verbal e não-verbal. Assim, apesar do filme ser uma obra de ficção cinematográfica, está sempre ressignificando de alguma forma os sentidos sobre a condição da mulher, e no filme analisado esses sentidos ocorrem na relação entre as ações e os pensamentos existentes na época, como ocorre com a formulação: “Dentro de alguns anos sua única responsabilidade será cuidar do seu marido e dos seus filhos” presente na cena analisada.

Figura 2: Aluna Joan Brandwyn

Building the way



Fonte: Imagem retirada do filme
“O sorriso de Mona Lisa” (NEWELL, 2003. Tempo: 34m.02s)

97

Na Figura 2, a aluna Joan Brandwyn conversa com a professora Katherine (que não aparece na imagem). A imagem apresenta Joan Brandwyn em destaque no centro segurando um caderno, a sua frente está Katherine, sentada em uma mesa de escritório. Joan vai até a sala de Katherine para pedir explicações sobre a nota C que tirou no trabalho, e vê sua ficha sobre a mesa de Katherine e a pergunta sobre o que a mesma diz, Katherine então lê o histórico de Joan e destaca o fato dela querer fazer direito. Katherine indaga Joan sobre para qual faculdade pretende ir e Joan a responde que ainda não pensou sobre isso porque: “Depois de me formar eu pretendo me casar” (NEWELL, 2003).

A aluna (Joan), assim como as demais personagens do filme, utilizam roupas consideradas decentes e comportadas de acordo com os padrões do Wellesley College e os padrões existentes na época, um casaco sobretudo marrom, cabelo preso, sem acessórios ou maquiagem extravagante.

Joan representa uma típica aluna de Wellesley, focada no casamento, e apesar do seu desejo em cursar Direito, não desistiria do casamento, e somente iria para a faculdade, se pudesse conciliar isso ao casamento. Joan, assim como outras alunas do Wellesley College, vivem suas vidas em função do casamento, e representam a mulher do lar, esposa e mãe e submissa a conceitos do início da formação humana.

Podemos dizer que as constantes afirmações e incentivos ao casamento são questões que estão ligadas a ideologia dos mesmos por serem tradicionalistas e/ou conservadores, Katherine tem uma educação liberal e é totalmente contrária à ideologia imposta, e tenta sem sucesso incentivá-las a se desviarem do tradicionalismo imposto. Observamos também que apesar das visíveis mudanças e o enfraquecimento do tradicionalismo e das relações patriarcais, o matrimônio ainda, está impregnado na sociedade, conforme Bell Hooks (2018, p. 85): “O casamento jamais saiu de moda.” Para uma grande parte da sociedade, ainda é dever feminino

Building the way

se casar, ter filhos e cuidar da casa, e mesmo que a mulher opte por ter um trabalho independente, ainda há sentidos que colocam em funcionamento uma obrigação em cumprir os “deveres do lar”.

No filme, Joan faz a prova escondida, e consegue ser aprovada, e continua a esconder isso de todos, pois ela desiste de cursar de direito para se casar. Quando Katherine descobre e a indaga sobre o porquê da escolha que ela estava fazendo, Joan se justifica afirmando que não seria feliz, que sonhava em ter uma família e que não sacrificaria isso, porém, mesmo quando Katherine propõem que ela concilie as duas coisas, ela se nega e afirma que é uma escolha dela.

Figura 3: Professora Katherine Watson



Fonte: Imagem retirada do filme
“O sorriso de Mona Lisa” (NEWELL, 2003. Tempo: 34m.02s)

Katherine, na terceira figura, questiona sobre o que as alunas fazem no Wellesley College, “O que elas fazem aqui? Estão só aguardando um pedido de casamento” (NEWELL, 2003). Katherine na cena está nervosa e questiona a diretora sobre o papel que as alunas estão sendo “treinadas”, ela aparece ao centro e ao fundo da imagem aparece a sala da direção desfocada, a frente de Katherine, está a diretora sentada a mesa (não aparece na imagem selecionada), Katherine anda pela sala descontroladamente, e a diretora ao ser contestada, se mostra satisfeita com a forma de ensino oferecida as alunas, já Katherine é totalmente contrária e afirma que Wellesley College é apenas um curso preparatório para o casamento.

Katherine, diferentemente da professora de etiqueta (Figura 1), utiliza uma camisa azul com um leve decote em V que deixa um pouco do colo a mostra e um casaco preto sobretudo, e assim como nas roupas, acessórios que possuem cor, como no colar e nos brincos, e o cabelo preso em rabo de cavalo baixo, e não preso bem arrumado como nas alunas e professoras. Katherine tanto na sua postura quanto em seu olhar e posicionamentos, possui características mais críticas sobre o papel da

Building the way

mulher e, por isso, mais inovadoras, que fogem dos padrões da época, pois significa as mudanças sociais, históricas que vem acontecendo.

Compreendemos que a “[...] palavra discurso etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2007, p. 15), pois os sentidos se deslocam, assim percebemos que o discurso é a constituição da palavra em movimento, no filme, as jovens eram incentivadas ao casamento, a constituírem uma família e a terem um lar, sentidos esses, ressignificados pela condições atuais, em que a sociedade hoje produz outros sentidos em relação ao papel da mulher, como haver, em alguns casos, maior incentivo às mulheres a estudarem e trabalharem, evidenciando a mudança e transmutação do discurso que vem ocorrendo.

As mudanças observadas nas condições de produção não são restritas apenas à formulações e cenas do filme, elas se expandem a diversas áreas que foram modernizadas no decorrer dos anos, o empoderamento feminino e a conquista a alguns direitos talvez sejam as maiores delas.

Os sentidos constituídos em relação à mulher no filme são sexistas e mostram os pensamentos da época e aquilo que as mulheres eram sujeitas, discursos esses antes tão presentes e comuns que eram incorporados pelas próprias mulheres, e que disseminavam a ideia. No filme, a professora Katherine Watson vai além e foge ao regular propondo e incentivando as jovens do Wellesley College a estudarem, entretanto, é reprimida pelas próprias alunas que consideram as imposições sujeitas a décadas como valores. A professora de artes representa o poder de escolha e o qual ela usa para incentivar as suas alunas, mostrando uma visão além do que o Wellesley College propõe. São sentidos produzidos a partir dos “[...] processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Figura 4: Betty Warren e sua mãe

Fonte: Imagem retirada do filme
“O sorriso de Mona Lisa” (NEWELL, 2003. Tempo:1h. 42m. 37s.)

Na quarta e última figura que recortamos do filme, Betty Warren aparece ao centro da imagem e sua mãe do lado direito, a conversa ocorre em um local público, aparentemente um restaurante. Durante o diálogo, diversas pessoas passam ao fundo da cena e Betty mostra uma imagem da pintura de Mona Lisa e questiona a mãe: “Ela está sorrindo, ela está feliz? Ela parece feliz e o que isso importa? Eu vou dizer uma coisa: nem tudo é o que parece”. Betty demonstra uma imensa tristeza e sua mãe tenta disfarçar os problemas e acalmar a filha perante a crise que ocorre em seu casamento, pedindo para que a mesma não conte o que está acontecendo a ninguém e que não lave sua roupa suja em público.

Nesta cena, tanto Betty quanto sua mãe seguem os padrões de vestimentas convencionados da época, porém diferentemente da mãe (mais tradicional), Betty discute e indaga com ela sobre os ditames que está condicionada, a mãe tenta ser dura e fria, sendo tradicional, na tentativa de convencer ela a manter o casamento, e Betty visivelmente triste e cansada da situação, se mostra insatisfeita e aberta para mudanças. Seu olhar, o modo como o rosto se posiciona, da Figura 4, significa essa insatisfação e um desejo de que as coisas sejam diferentes. Nessa direção, podemos dizer que: “O poder de encantamento do cinema está precisamente neste encontro: como os corpos convidam seus espectadores a entrarem no filme, tomam-nos pela mão, levam-nos a passear, como graças a eles, a história se torna 'minha história' para cada um.” (BAECQUE, 2011, p. 494).

O nome do filme “O sorriso da Mona Lisa” é citado na cena em que Betty Warren (Kirsten Dunst) mostra a sua mãe uma imagem da pintura de Mona Lisa e a questiona “ela está feliz?”. “Nem tudo é o que parece”.

Na famosa pintura de Leonardo da Vinci, pintada entre 1503 e 1506 intitulada de Mona Lisa, a representação de uma mulher intriga sobre o mistério do

Building the way

seu sorriso, sendo alvo de diversas interpretações, desde os que consideram o sorriso como inocente e maternal e outros que o veem como uma atração erótica de Leonardo em relação a sua mãe, ficando o questionamento e as inúmeras interpretações possíveis e já existentes sobre o seu sorriso, para Orlandi (2007) isso ocorre porque “[...] uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição.” (ORLANDI, 2007, p. 64).

No filme “O sorriso de Mona Lisa”, o nome relacionado ao quadro e ao conteúdo do filme, nos faz refletir sobre os sentidos possíveis dos sorrisos que são demonstrados, sentidos determinados na relação entre os sujeitos e suas condições de produção. Será que as mulheres casadas estão realmente felizes? Ou apenas mantêm os matrimônios mesmo estando infelizes, para satisfazerem a família e a sociedade conservadora da época?

Assim, no filme, com direção de Mike Newell (2003), a obediência dessas leis se fazem a partir da procura e concretização do casamento, e logo depois pela manutenção do mesmo, em que a mulher é colocada como mantenedora do matrimônio, mesmo estando infeliz, para cumprir às “leis” da época, que eram impostas pela família, e pela sociedade, em que as moças eram rotineiramente incentivadas ao matrimônio, esses sentidos são compreendidos a partir da materialidade fílmica. “A materialidade não está totalmente livre em nossas mãos, ao contrário, tanto ela como nossos corpos, que também é outra forma de materialidade, obedece à leis.” (MILANEZ, 2011, p. 10).

Para Kaplan (1993) os anos 50 é uma década presa em si mesma, uma década marcada pelo conservadorismo e pelo tradicionalismo, que o filme “O sorriso de Mona Lisa” expõe, o filme retrata a década de 50. E Kaplan também expõe sobre a fragilidade feminina, tanto econômica quanto sexual, em que a maioria das mulheres são condicionadas a uma situação de dependência de seus maridos.

A fragilidade feminina retratada no filme é um dos assuntos que Kaplan (1993) aborda em seu livro, citando filmes que também falam do assunto e outros que demonstram a luta feminina por reconhecimento ao também produzirem obras cinematográficas para retratarem a sua visão e aquilo que queriam expor, como forma de terem voz própria, na tentativa de não serem objetos de prazer masculinos, suscetíveis a sua visão patriarcal.

Sobre isso Foucault (1999) explicita que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo

Building the way

por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1999, p. 10). Para Kaplan (1993), as lutas das mulheres se dão pela busca por reconhecimento e por espaço, na tentativa de se livrarem das amarras impostas pela sociedade que as fazem vítimas da visão masculina e patriarcal em que estão sujeitas nas obras cinematográfica.

No filme “O sorriso de Mona Lisa” de Mike Newell analisa-se o discurso no âmbito cinematográfico, o incentivo ao casamento, os poucos direitos que as mulheres possuíam, e os pensamentos da época. Katherine Watson era um exemplo que divergia aos pensamentos da época e se posicionava de certa forma ‘contrária’ ao casamento, ela que era professora de história da arte, durante as suas aulas, proferia discursos que incentivaram as jovens a estudarem. Isso remete a condições de produção diferentes, a da professora e das alunas. Conforme Orlandi (2007), se considerarmos “[...] as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.” (ORLANDI, 2007, p. 30).

No filme “O sorriso de Mona Lisa”, Katherine tenta apresentar às suas alunas sentidos constituídos em formações discursivas diferentes daquelas que suas alunas estavam inseridas. Para Orlandi (2007): “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2007, p. 43). Nessas formações que perdurava um discurso sexista e extremamente conservador, que fazia com que as jovens acreditassem serem incapazes de conciliar o casamento, os filhos e os deveres com os estudos, representando as imposições machistas e patriarcais de uma sociedade a que as mulheres eram assujeitadas.

Considerações finais

Ao observar os discursos presentes na constituição da sociedade, observamos que o incentivo ao casamento e aos filhos sempre se fizeram presentes, e o filme “O sorriso de Mona Lisa” retrata questões que reforçam o tradicionalismo através de discursos que podem ser considerados comuns, evidenciam questões muito mais profundas e enraizadas no seio da sociedade.

Building the way

O filme “O sorriso de Mona Lisa”, em sua narrativa foca na década de 50, apresentando mulheres que eram incentivadas ao matrimônio e aos filhos, como também mostra ao mesmo tempo a tentativa de ruptura a partir da professora de Artes e o seu modo de olhar para a arte e para a vida.

Na obra de Newell (2003), Katherine Watson, interpretada por Julia Roberts, é contrária aos pensamentos que a escola propõe e incentiva as alunas do Wesley College a conciliar os estudos ao casamento, já que não priorizariam os estudos ao casamento.

Compreendendo o discurso como processo de constituição, como percurso (ORLANDI, 2007), percebemos as mudanças que ocorreram em diferentes momentos históricos em que o papel da mulher foi mudando, mas ainda significando a partir de sua constituição histórica.

Ao analisarmos o filme “O sorriso de Mona Lisa” ele fica disponível para novas análises, já que as possibilidades de análises não se esgotam, para Orlandi (2007) isso acontece porque todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo e compreendemos também que as análises mudam, pois, os discursos estão em movimento, e se transformam de acordo com a época. O filme retrata a realidade da época, sendo ressignificadas nos dias atuais.

Percebemos uma transmutação da representação feminina no cinema, as constantes lutas por reconhecimento, independência e espaço são refletidas nas mídias cinematográficas, que retratam as nossas lutas como forma de incentivar mais mulheres a lutarem por seus direitos. Ainda que aconteçam casos, as jovens não são mais incentivadas a se dedicarem exclusivamente ao marido, aos filhos e ao matrimônio, como o filme “O sorriso de Mona Lisa” retrata, hoje percebemos que as jovens são incentivadas a se dedicarem aos estudos, e ao seu engrandecimento pessoal, percebendo assim as mudanças ocorridas no discurso.

REFERÊNCIAS

BAECQUE, Antoine de. O corpo no cinema. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.) *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Trad. e rev. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 481-507.

FOUCAULT, Michel: *A Ordem do Discurso - Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 5. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio São Paulo: Loyola, 1999.

Building the way

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo-políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2018.

KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmara*. Trad. Helen Márcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo na memória. In: *Anais III Seminário de Estudos da Análise de discurso*. 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/SuzyLagazzi.pdf>. Acesso em 03 nov. 2017.

MILANEZ, Nilton. *Discurso e Imagem em Movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer*. São Carlos: Claraluz (Coordenação Editorial Labedisco-Uesb), 2011.

MILANEZ, Nilton; BITTENCOURT, Joseane Silva. Materialidades da imagem no cinema: discurso fílmico, sujeito e corpo em A Dama De Ferro. *Revista Movendo Ideias*. V. 17, Nº 2 – julho a dezembro de 2012. p.7-20. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/631>. Acesso em 02 nov. 2017.

ORLANDI, Eni P. “*Segmentar ou recortar*”. In *Linguística: questões e controvérsias*, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos – 10, 1984, p. 9-26.

ORLANDI, Eni P. Efeitos do verbal e do não-verbal. *RUA*, v. 1. n. 1. Campinas, 1995. p. 35-47.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

O SORRISO DE MONALISA. Direção de Mike Newell. Elenco: Julia Roberts. Kirsten Dunst. Julie Stiles. Columbia Pictures, 2003. 119min. Dvd

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et. Al. 4. ed. Campinas: Editores da Unicamp, 2009.

SILVA, Milena Beatriz da. O funcionamento discursivo do ser-sujeito-mulher em *Justiça*. In: LARA, Renata Marcelle. (Org.). *Minissérie em análise: sujeito, corpo(s), imagens*. Londrina: Syntagma, 2018.